

guerra israel-hamas

Ultimato israelense a Gaza gera pânico; Hamas pede que civis fiquem em casa

Prenúncio de invasão, aviso para esvaziar parte de enclave deslocaria quase metade da população

Daniela Arcanjo e Igor Gielow

SÃO PAULO Milhares de palestinos iniciaram nesta sexta (13) um fluxo caótico, levando malas e trouxas, rumo ao sul da Faixa de Gaza, depois de as Forças Armadas de Israel darem um ultimato de 24 horas para o esvaziamento do norte do enclave. A população nessa área é de 1,1 milhão, quase metade do total de habitantes de Gaza.

O aviso foi visto como o prenúncio de uma invasão israelense por terra. Tanques entraram em território vizinho para incursões pontuais, disseram as Forças de Defesa de Israel à emissora americana Fox News. Segundo o Exército, porém, a ação não era o movimento em larga escala aguardado pelos palestinos —o que, até a conclusão desta edição, não havia ocorrido.

O Hamas, grupo terrorista que controla o território, pediu aos moradores que não saíssem de suas casas. Segundo a organização, o ultimato de Tel Aviv era uma tentativa de “difundir e transmitir propaganda falsa, com o objetivo de semear confusão entre os cidadãos e prejudicar a coesão interna”. Já Israel disse que o Hamas está “se aproveitando dos moradores da Faixa de Gaza e levando o desastre a eles”. “A responsabilidade pelo que possa acontecer com aqueles que não saírem está nas mãos do Hamas”, disse o contra-almirante Daniel Hagarim, porta-voz militar.

Ao jornal Times of Israel um morador de Gaza, que preferiu não se identificar por medo de retaliações, afirmou que o grupo estava impedindo palestinos de esvaziarem a área.

Horas antes do fim do prazo dado por Tel Aviv, porém, o Exército de Israel reconheceu que a medida pode demorar. “Entendemos que isso tomará tempo”, disse o mesmo porta-voz, Daniel Hagarim, sugerindo que não havia um horário estabelecido.

O plano para retirar os palestinos da porção norte do território, no entanto, ainda estava em curso. Enquanto isso, os bombardeios continuavam, assim como o cerco a Gaza, que já estava com estoques de combustível, medicamentos e alimentos acabando, segundo organizações internacionais atuando no local.

Israel “vai continuar a operar com força significativa na

Cidade de Gaza e fará esforços para evitar ferir civis”, declarou o Exército em comunicado para habitantes de Gaza.

Até a tarde desta sexta, 1.300 israelenses e cerca de 1.900 palestinos haviam morrido. De acordo com o Ocha (escritório da ONU para assuntos humanitários), 23 trabalhadores humanitários já foram mortos desde o início dos ataques israelenses e o número de pessoas que fugiram de suas casas em Gaza passa de 423 mil.

O anúncio do ultimato foi criticado pela ONU e outras entidades. Em comunicado, o porta-voz das Nações Unidas, Stephane Dujarric, declarou que a entidade “considera impossível que tal movimento ocorra sem consequências humanitárias devastadoras”.

A agência da ONU para os refugiados palestinos, por sua vez, afirmou que o ultimato é “horrendo”. “A escala e a velocidade da crise humanitária que se desenrola são assustadoras. Gaza está se transformando rapidamente em um inferno e está à beira do colapso”, disse Philippe Lazzarini, comissário-geral da organização. A agência transferiu seu centro de operações para o sul de Gaza para manter as operações humanitárias.

O embaixador de Israel nas Nações Unidas, Gilad Erdan, fez duras críticas à instituição nesta sexta (13), em resposta aos apelos para Tel Aviv respeitar o direito humanitário em sua contraofensiva.

“O Hamas cometeu essa atrocidade em larga escala porque eles contam com, e peço desculpas pelo que estou prestes a dizer, mas eles contam com a ONU, assim como fizeram no passado, para vir em seu socorro”, afirmou Erdan na sede da organização, em Nova York.

Em discurso sem novidades sobre os cerca de 150 reféns em poder do Hamas, o que causou frustração, o premiê israelense, Binyamin Netanyahu, foi à TV para dizer que a operação militar em curso “é somente o começo”.

Nesta sexta, o Conselho de Segurança da ONU, cuja presidência de turno é do Brasil, se reuniu para discutir a guerra. Não houve consenso, e a diplomacia brasileira fará consultas aos outros membros para tentar chegar a um novo texto da resolução proposta pela Rússia sobre cessar-fogo.

A versão sugerida por Moscou, porém, não atende aos

Sob cerco, Gaza recebe aviso para esvaziar norte do território

■ Principais cidades e suas populações:

- Rafah - 245 mil
- Khan Yunis - 291 mil
- Deir al Balah - 96 mil
- Gaza - 677 mil
- Jabalia - 268 mil
- Beit Lahia - 108 mil
- Beit Hanoun - 63 mil

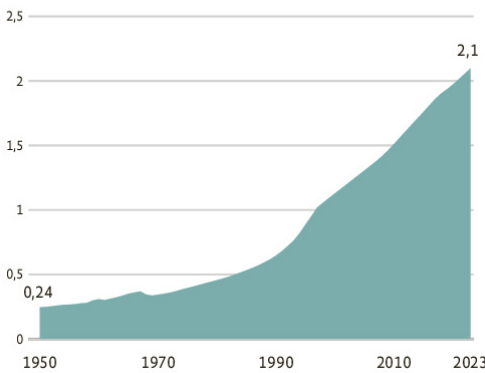
■ Campos de refugiados palestinos

✚ Postos de fronteira



A evolução populacional em Gaza

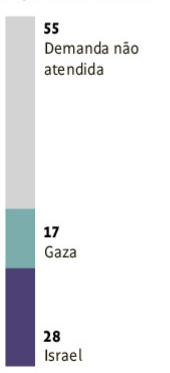
Em milhares



Fontes: Base de Dados Internacionais do Censo dos EUA, Comissão Europeia e Companhia de Distribuição de Eletricidade de Gaza

Fornecimento de energia é dependente – e insuficiente

Origem da eletricidade, em %



Brasileiros vão deixar escola para tentar sobreviver a invasão

SÃO PAULO A deterioração na situação de segurança fez o Itamaraty mudar de ideia, e o grupo de brasileiros que está refugiado numa escola católica de Gaza tentaria deixar o local na manhã deste sábado (14), quando já haveria expirado o ultimato dado pelas Forças de Defesa de Israel para a evacuação da cidade antes de uma ofensiva militar.

O ônibus para fazer o transporte conseguiu chegar à Rosary Sisters School já na noite desta sexta (13) em Gaza, e situação foi considerada insegura demais para fazer a remoção imediatamente. O destino será Khan Yunis, região ao sul de Gaza em que já estão brasileiros que pediram para ser retirados.

De lá, a intenção é tentar fechar um acordo com o governo egípcio já no sábado para cruzar a fronteira, mas isso ainda não estava confirmado.

A escola, que já foi alvejada por Israel em 2021 sob suspeitas

de abrigar terroristas do Hamas, era alvo da ação militar devido a seu mega-ataque terrorista do sábado passado (7), fica no extremo sudoeste da cidade de 600 mil habitantes, quase junto à praia local.

O entendimento inicial do Itamaraty, que já avisou Israel sobre a presença dos brasileiros para tentar evitar bombardeio, era de que o alerta e a posição geográfica garantiriam a segurança. Isso mudou ao longo do dia.

Segundo uma nova atualização do Escritório de Representação do Brasil em Ramallah (Cisjordânia), há 19 brasileiros na escola, mas apenas 10 se inscreveram para serem removidos. Os outros 9 chegaram depois, para se refugiarem —eles fazem parte da comunidade brasileira em Gaza, cerca de 40 pessoas, e outros poderão se unir a eles. O clima no local era de natural medo e apreensão.

Há outras 12 pessoas que já

“Estamos todos apavorados. Muitos dos que estão aqui são recém-chegados do norte de Gaza, de onde Israel ordenou que saíssem. [...] Muitos inocentes serão mortos no norte de Gaza. Tenho certeza de que vai acontecer um massacre

Hasan Rabee palestino-brasileiro em Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza

havam pedido para serem retiradas, mas moram em Khan Yunis. Em princípio, ficariam em casa e talvez abrigassem alguns outros brasileiros.

A psicóloga contratada pelo Itamaraty para apoiar o grupo não consegue mais ir pessoalmente ao local, dada a situação de insegurança. Atende os refugiados, então, por WhatsApp. Na quinta (12), chegaram mantimentos e itens como colchões e cobertores ao local.

Inicialmente, o grupo todo que pediu para ser retirado era de 30 pessoas, mas houve 8 desistências, que talvez agora sejam revistas.

O Escritório de Representação do Brasil em Ramallah está trabalhando no caso. A ideia inicial do Itamaraty era negociar diretamente com o Egito a saída dos brasileiros pelo posto de Rafah, no sul da Faixa de Gaza.

Mas o Egito tem resistido. A ditadura local não quer arcar com os milhares de morado-

res de Gaza que viriam, com a península do Sinai se tornando mais um grande campo de refugiados das guerras árabes-israelenses. IG

Vai acontecer um massacre, afirma brasileiro no enclave

Renan Marra

SÃO PAULO O palestino com cidadania brasileira Hasan Rabee, 30, não dorme há uma semana. Ele está encurralado na Faixa de Gaza, território controlado pelo grupo terrorista Hamas, e teme um massacre em caso de invasão das forças israelenses por terra.

“Muitos inocentes serão mortos no norte de Gaza. Tenho certeza de que vai acontecer um massacre”, diz à Folha Rabee, que está em Khan

interesses de todos os países presentes, refletindo a divisão no Conselho de Segurança.

No front, o anúncio do ultimato levou grande preocupação a entidades de assistência médica em Gaza. Porta-voz do Crescente Vermelho Palestino na Cidade de Gaza, Nebal Farsakh declarou: “O que acontecerá com nossos pacientes? Temos feridos, idosos, crianças que estão em hospitais.” Segundo ela, muitos médicos se recusaram a abandonar os pacientes nos hospitais e começaram a ligar para colegas de trabalho para se despedir.

Autoridades de saúde locais disseram à OMS (Organização Mundial de Saúde) que seria impossível transferir pacientes hospitalares vulneráveis. “Há pessoas gravemente feridas cuja única hipótese de sobrevivência é a utilização de aparelhos de suporte vital, como ventiladores mecânicos”, afirmou o porta-voz da organização, Tarik Jasarevic. “Mover essas pessoas é uma sentença de morte. Pedir aos profissionais de saúde que o façam é mais do que cruel”.

De acordo com a OMS, enquanto os hospitais no sul da Faixa de Gaza estão superlotados, os dois principais centros de saúde do norte já ultrapassaram a sua capacidade máxima de 760 camas no total.

“Os hospitais têm apenas algumas horas de eletricidade por dia, pois são forçados a racionar as reservas de combustível que estão se esgotando e dependem de geradores para sustentar as funções mais importantes”, disse Jasarevic. “Mesmo essas funções terão de ser interrompidas em alguns dias, quando os estoques de combustível acabarem”.

O enviado da Palestina à ONU, Riyad Mansour, instou as Nações Unidas a impedirem um “crime contra a humanidade” que será cometido por Israel caso a invasão da Faixa de Gaza ocorra, segundo ele.

“Como defensores da lei humanitária internacional, ONU e Conselho de Segurança, não podemos permitir que tenhamos uma nova Nakba após 75 anos da primeira”, afirmou, em referência à “catástrofe”, como chamam os palestinos, da criação do Estado de Israel e consequente expulsão de árabes da região. Mansour também cobrou o secretário-geral da organização, António Guterres, para que “fizesse mais” pela situação.

Após o forte apoio a Israel por parte de governos ocidentais, a contraofensiva israelense tem causado revolta, especialmente no mundo árabe e muçulmano. Houve diversas manifestações em países da região. Judeus também realizaram vigílias e manifestações de apoio a Tel Aviv em cidades europeias.

Com Reuters e AFP